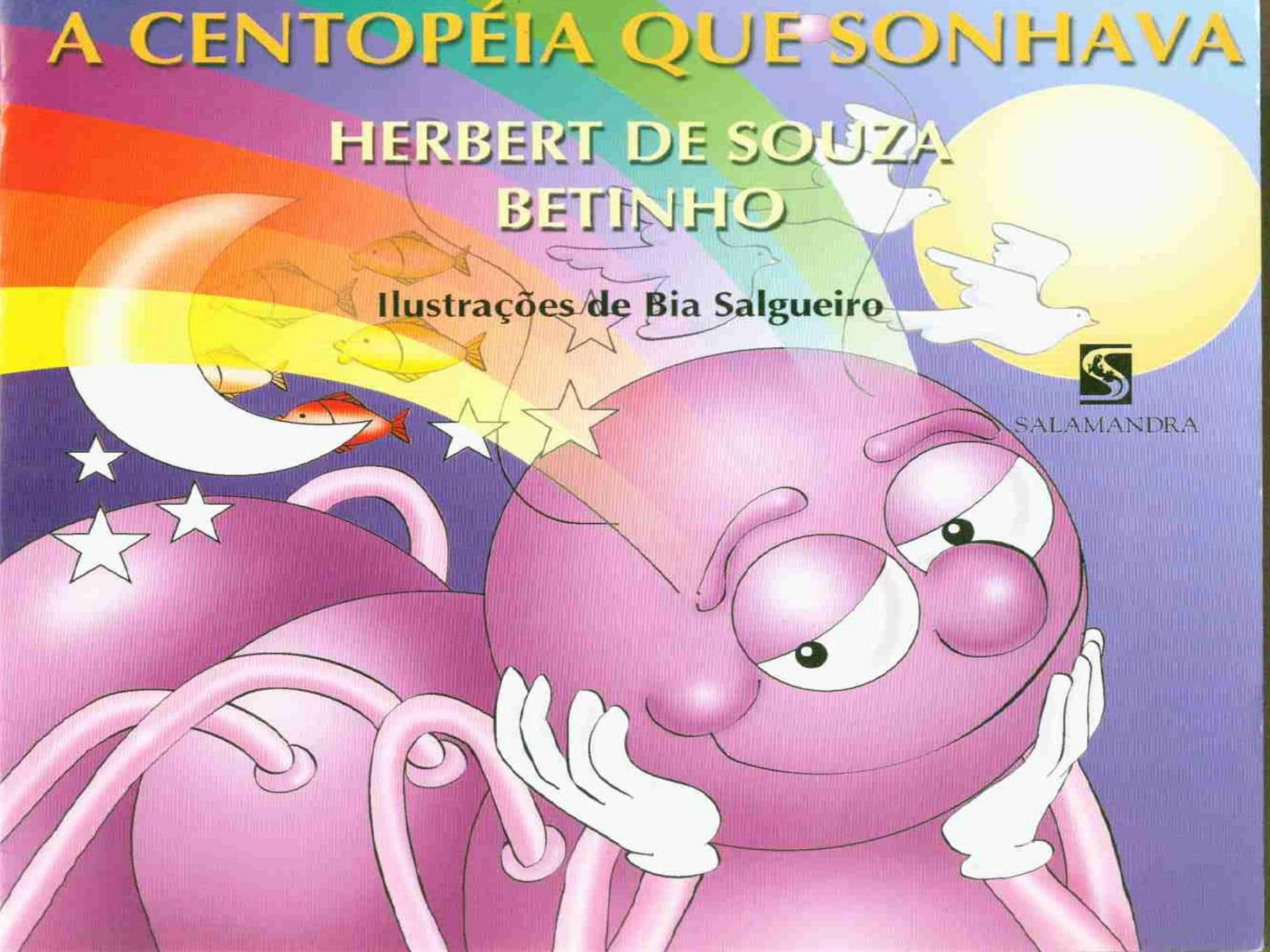
A CENTOPÉIA QUE SONHAVA

HERBERT DE SOUZA
BETINHO

Ilustrações de Bia Salgueiro



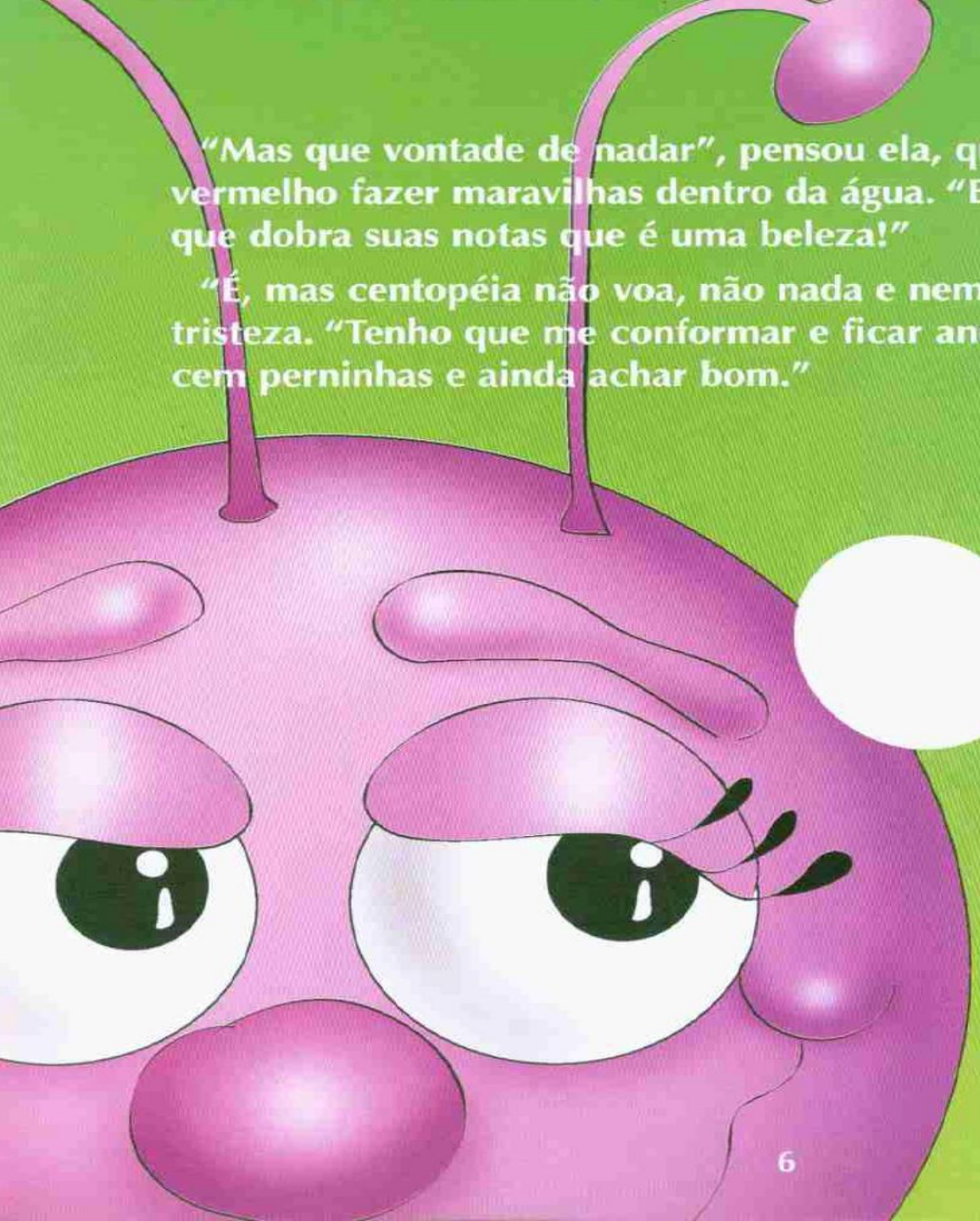
SALAMANDRA



Lá ia a centopéia pensando com seus botões.

"Mas que vontade de voar", pensou, ao ver a andorinha lá no alto.





"Mas que vontade de nadar", pensou ela, quando viu o peixinho vermelho fazer maravilhas dentro da água. "E cantar como o curió, que dobra suas notas que é uma beleza!"

"É, mas centopéia não voa, não nada e nem canta", concluiu com tristeza. "Tenho que me conformar e ficar andando com minhas cem perninhas e ainda achar bom."



Aí ouviu uma vozinha que chegava do alto de uma árvore. Era a andorinha, que lhe disse:

– Dona Centopéia, estou vendo que a senhora tem vontade de voar.

– É verdade – respondeu –, mas não posso, não tenho asas, só tenho perninhas, que servem para andar mas não para voar.

– Mas a senhora pode voar comigo, nas minhas costas!



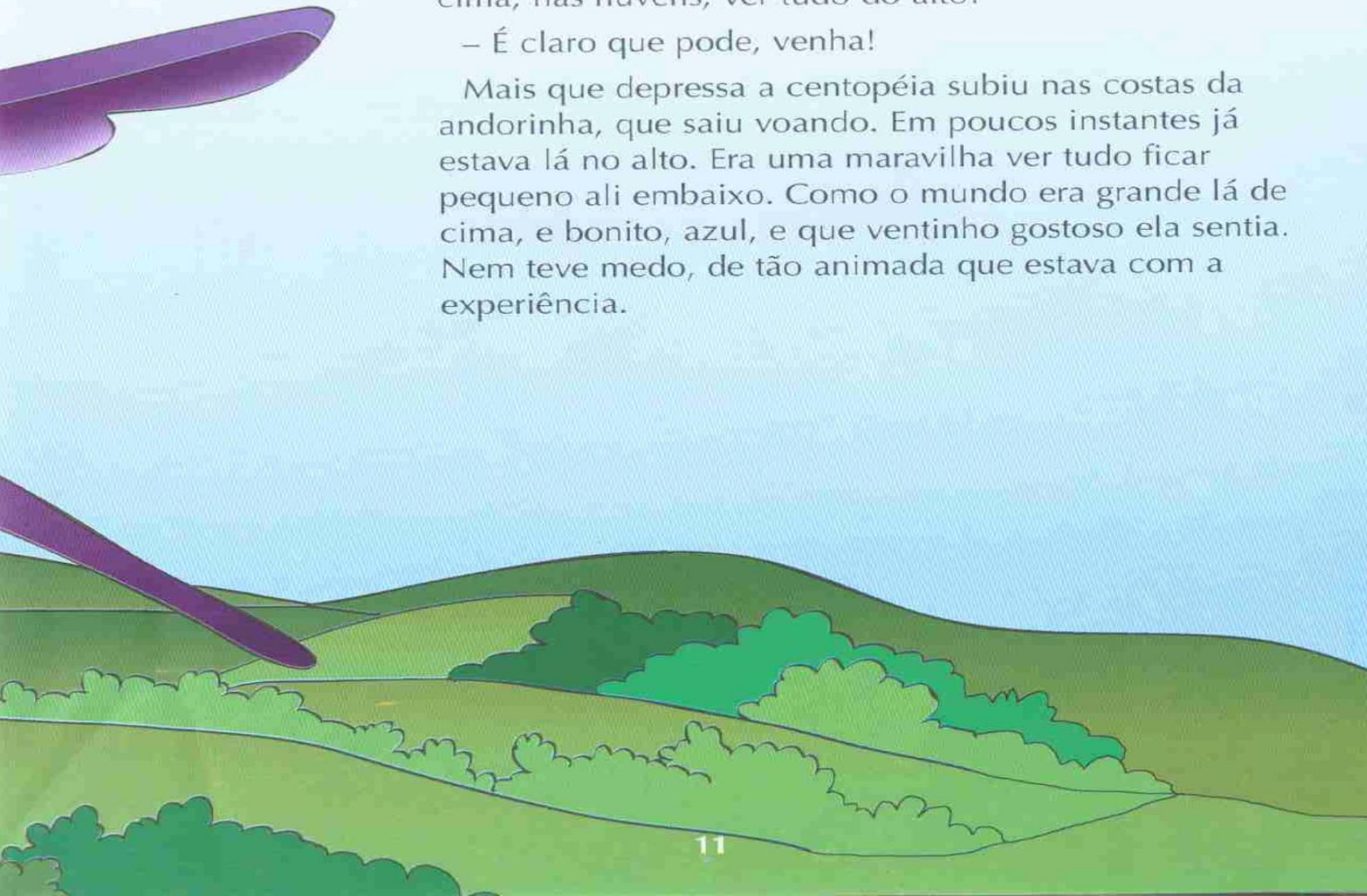




– Será mesmo que posso realizar esse sonho, ir lá em cima, nas nuvens, ver tudo do alto?

– É claro que pode, venha!

Mais que depressa a centopéia subiu nas costas da andorinha, que saiu voando. Em poucos instantes já estava lá no alto. Era uma maravilha ver tudo ficar pequeno ali embaixo. Como o mundo era grande lá de cima, e bonito, azul, e que ventinho gostoso ela sentia. Nem teve medo, de tão animada que estava com a experiência.





"Devo ser a primeira centopéia do mundo a voar", pensou ela com suas perninhas.

– Vamos descer, dona Andorinha, é emoção demais.

E desceram.

– Quando quiser voar de novo é só falar – disse a andorinha, e sumiu no céu como um raio.

"Voar foi possível", pensou a centopéia. "Mas nadar não tem jeito, aí só sendo peixe mesmo." Ela, então, ouviu outra vozinha que vinha da água.

– Ei, dona Centopéia, a senhora tem vontade de nadar? Ir lá no fundo e descobrir um outro mundo colorido?



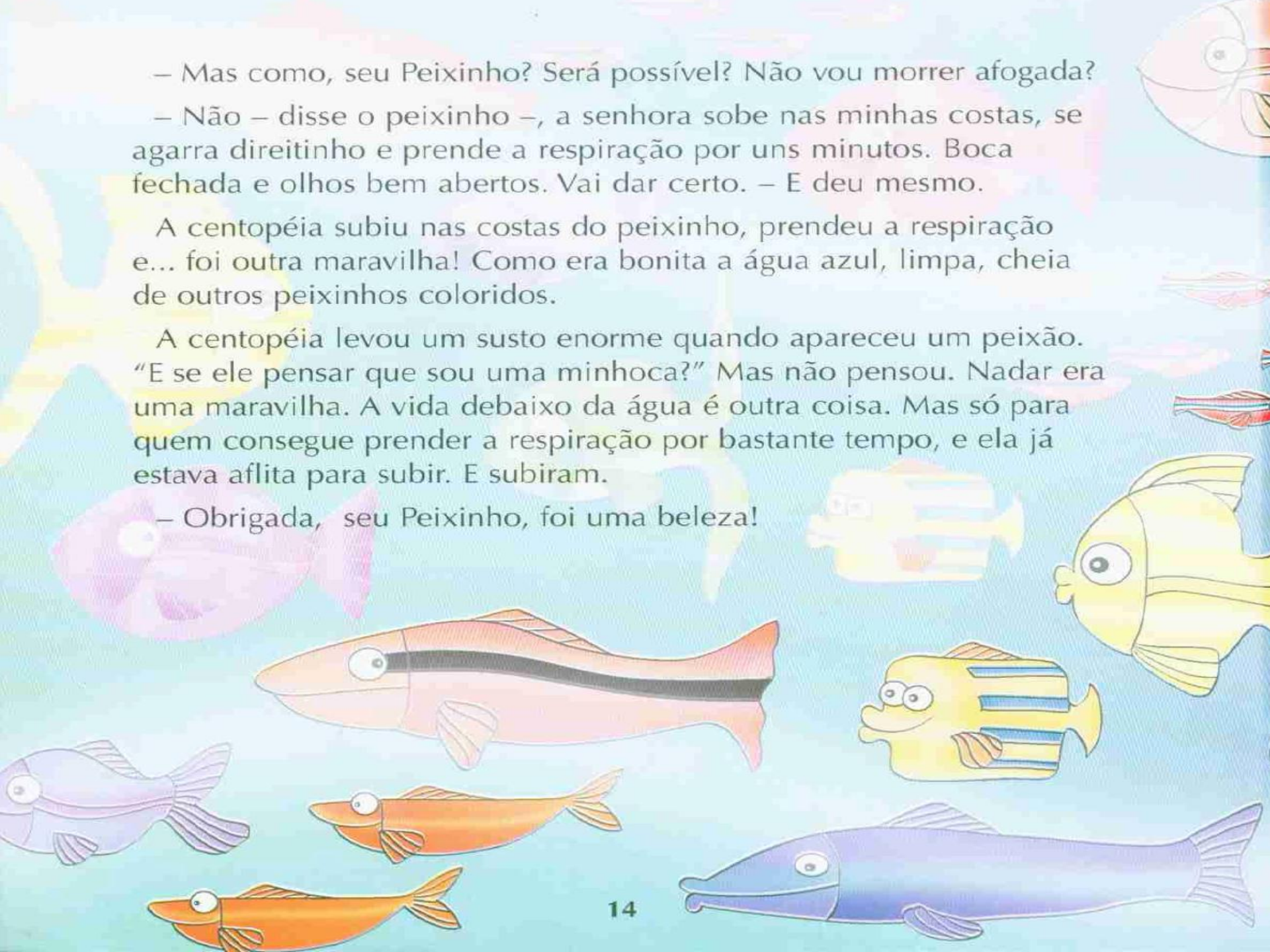
– Mas como, seu Peixinho? Será possível? Não vou morrer afogada?

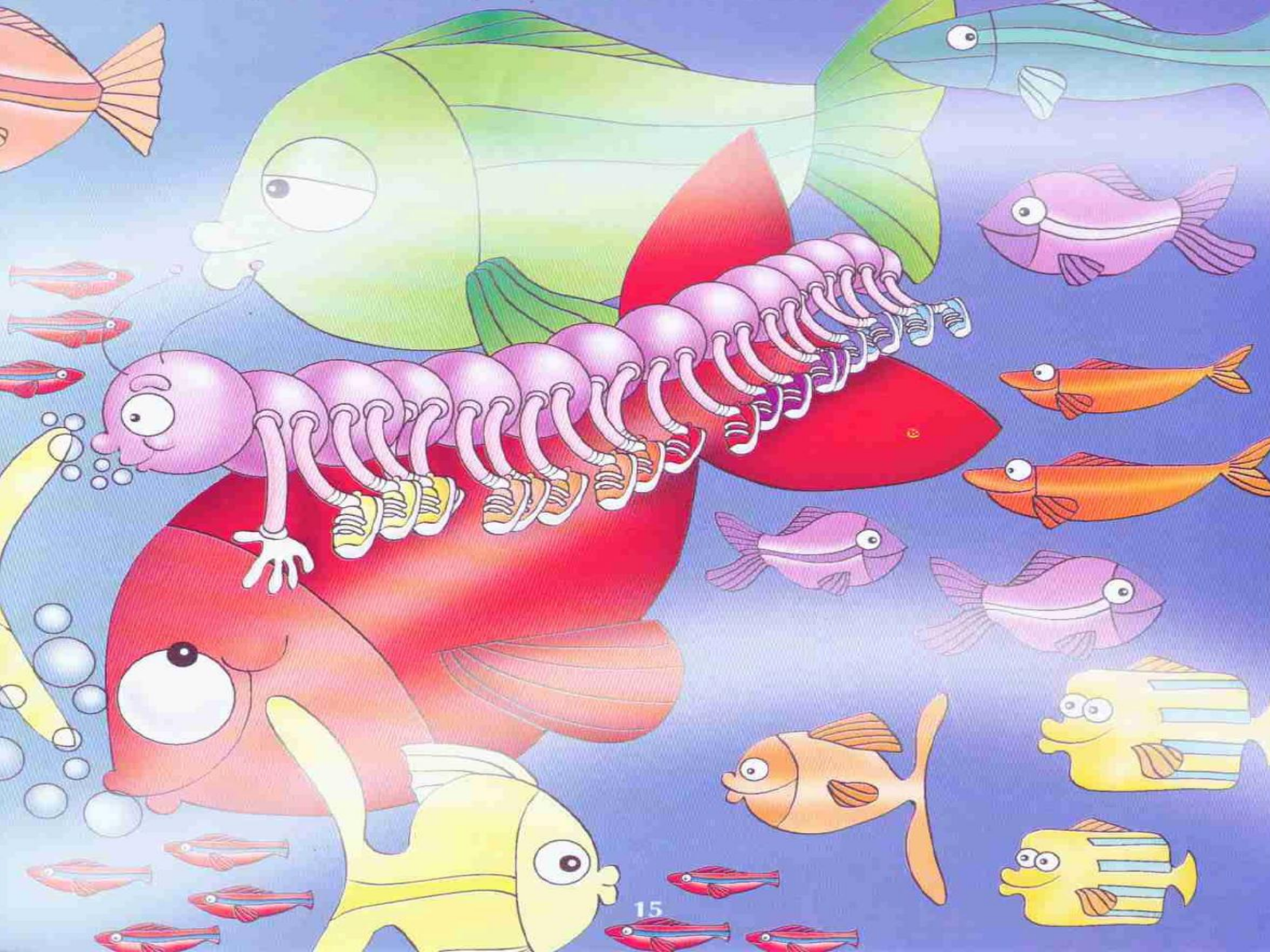
– Não – disse o peixinho –, a senhora sobe nas minhas costas, se agarra direitinho e prende a respiração por uns minutos. Boca fechada e olhos bem abertos. Vai dar certo. – E deu mesmo.

A centopéia subiu nas costas do peixinho, prendeu a respiração e... foi outra maravilha! Como era bonita a água azul, limpa, cheia de outros peixinhos coloridos.

A centopéia levou um susto enorme quando apareceu um peixão. "E se ele pensar que sou uma minhoca?" Mas não pensou. Nadar era uma maravilha. A vida debaixo da água é outra coisa. Mas só para quem consegue prender a respiração por bastante tempo, e ela já estava aflita para subir. E subiram.

– Obrigada, seu Peixinho, foi uma beleza!







– Obrigada, seu Peixinho, foi uma beleza!

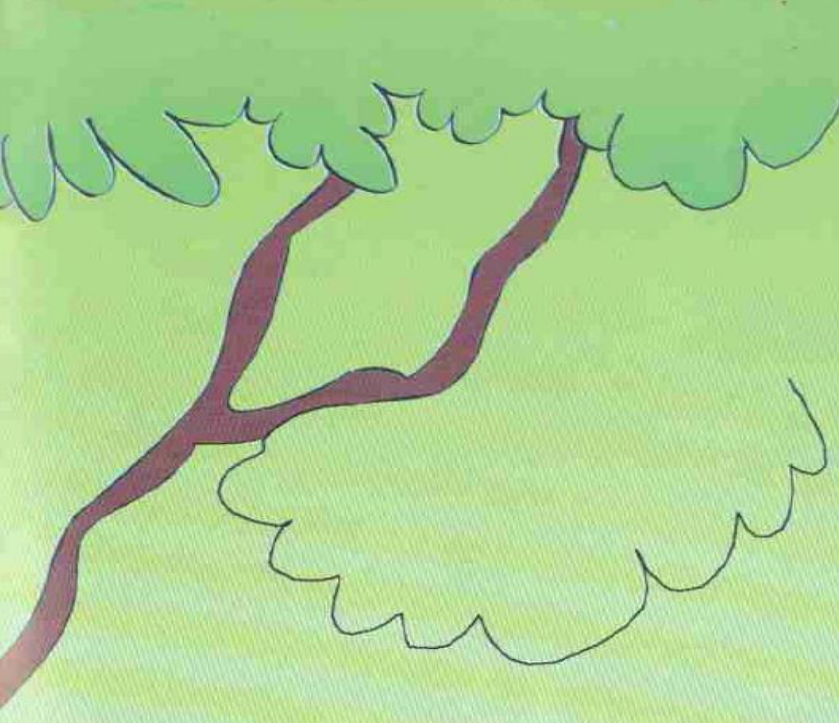
– Quando quiser nadar de novo é só falar – disse o peixinho. – Mas eu tenho outra surpresa para a senhora.

O peixinho pegou uma conchinha, amarrou um barbante fino e disse:

– Suba, dona Centopéia, vamos correr por cima da água! – E saiu nadando, puxando a centopéia a uma velocidade incrível. Foi o máximo!

É, a coisa estava ficando boa. Ela, uma simples centopéia, já havia voado e nadado, e não tinha asas nem era peixe!





Mas cantar como o curió, isso sim que não podia nem deveria haver jeito. Não tinha voz, não sabia produzir uma melodia. Mas de novo a centopéia ouviu uma voz, que dessa vez vinha lá do alto de uma laranjeira. Era o curió, que dizia:

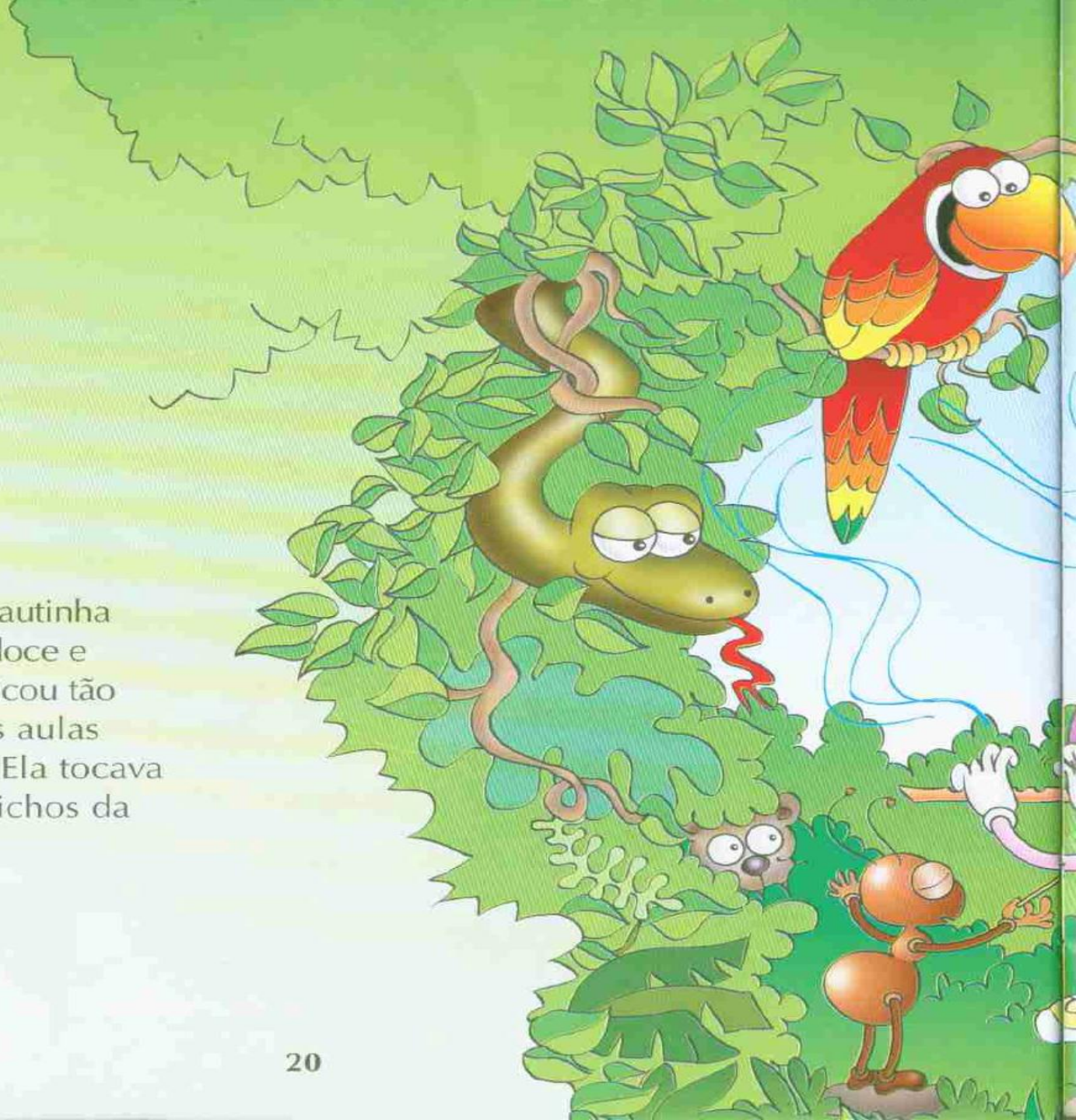
– Olha, dona Centopéia, cantar a gente aprende. Tem gente que sabe educar a voz e canta que é uma beleza. Mas eu tenho uma coisa melhor que cantar: é tocar uma flautinha.

– Como pode ser isso, seu Curió?

– Eu faço uma flauta de bambu bem feitinha, ensino as notas para a senhora e aí podemos tocar e cantar juntos.

– Essa eu nem acredito.

– Mas vai acreditar.



E o curió fez uma flautinha com um som muito doce e bonito. A centopéia ficou tão entusiasmada com as aulas que aprendeu logo. Ela tocava bonito, e todos os bichos da floresta iam ouvir a centopéia flautista.

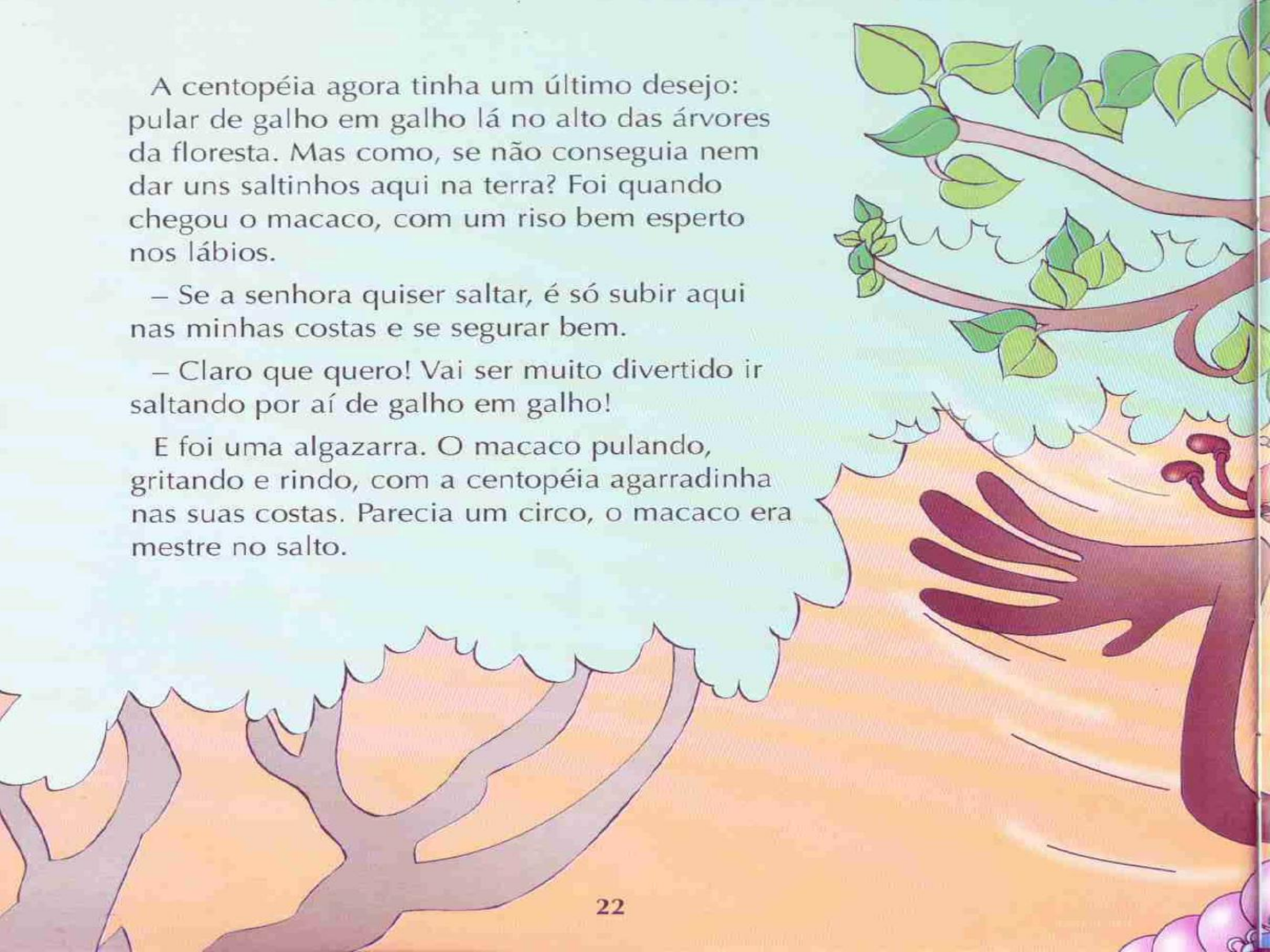


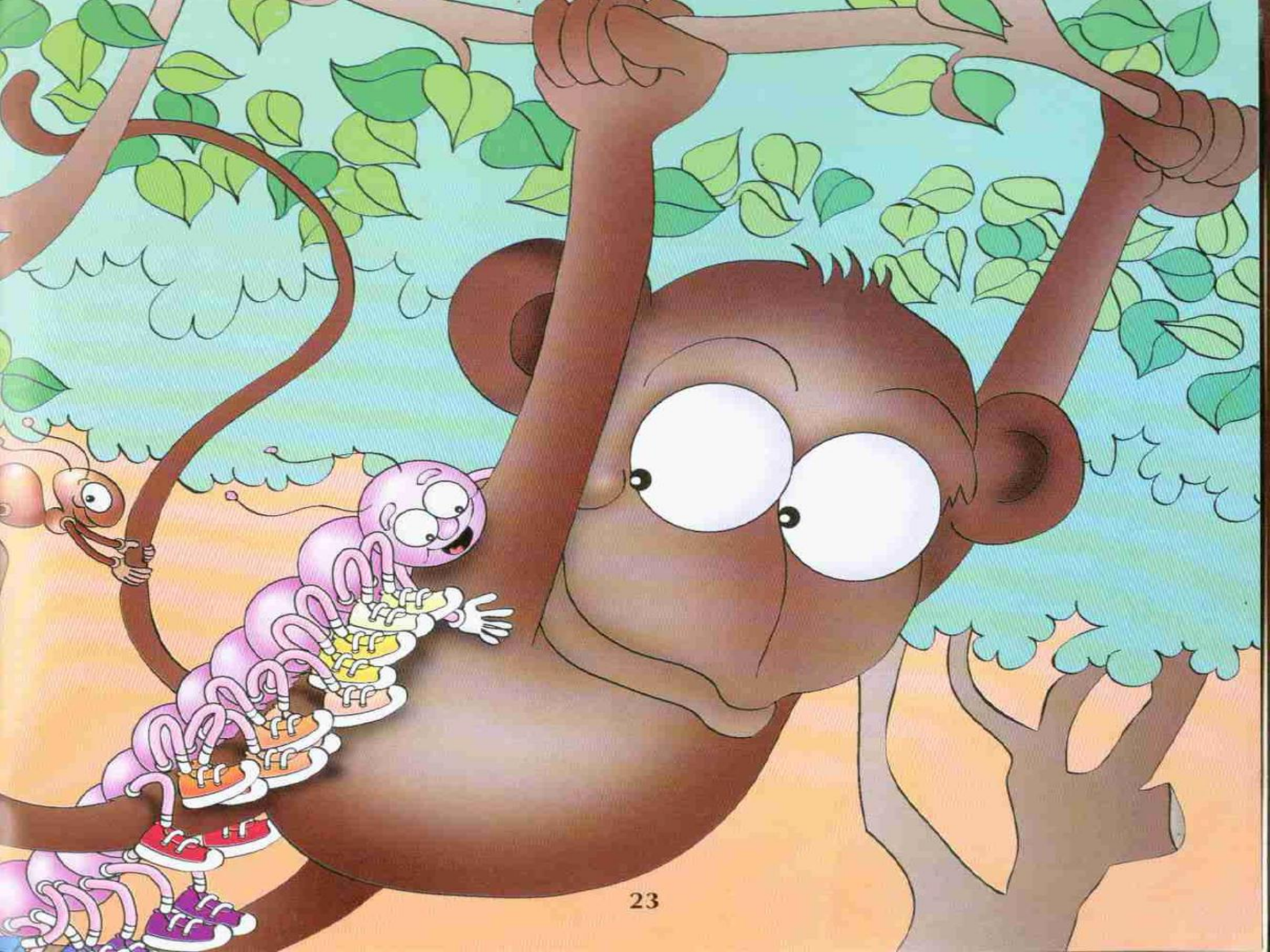
A centopéia agora tinha um último desejo: pular de galho em galho lá no alto das árvores da floresta. Mas como, se não conseguia nem dar uns saltinhos aqui na terra? Foi quando chegou o macaco, com um riso bem esperto nos lábios.

– Se a senhora quiser saltar, é só subir aqui nas minhas costas e se segurar bem.

– Claro que quero! Vai ser muito divertido ir saltando por aí de galho em galho!

E foi uma algazarra. O macaco pulando, gritando e rindo, com a centopéia agarradinha nas suas costas. Parecia um circo, o macaco era mestre no salto.





A noite foi chegando e a centopéia estava muito feliz com todas as aventuras daquele dia. De repente se deu conta do que havia acontecido: ela não sabia que tinha tantos amigos na floresta e que tudo o que ela não conseguia fazer sozinha ela podia fazer com a ajuda dos outros bichos. Podia voar sem ser pássaro, nadar sem ser peixe, cantar sem ter voz e pular sem ter pernas e braços de macaco.

– Quem tem esses amigos pode tudo – concluiu ela. – Juntos vamos muito longe!